

A EDUCAÇÃO DA CULTURA VISUAL NA MODALIDADE EJA

Bianca Taiana S. L. Alves; Camylla Ranylly Marques Paiva; Maria Emilia Sardelich

Universidade Federal da Paraíba (UFPB) - biancataiana@hotmail.com

Universidade Federal da Paraíba (UFPB) - ranylly_camylla@hotmail.com

Universidade Federal da Paraíba (UFPB) – emilisar@hotmail.com

Resumo

Esta comunicação apresenta os resultados alcançados por meio de um levantamento bibliográfico realizado nos Anais dos Encontros Anuais da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP) e do Congresso da Federação de Arte/Educadores do Brasil (ConFAEB), no período de 2005-2015, a fim de identificar pesquisas ou projetos de trabalho desenvolvidos no campo da Cultura Visual voltados para a Educação de Jovens e Adultos (EJA). O levantamento bibliográfico realizado nesses Anais integra-se a um projeto de pesquisa mais amplo, sobre a construção do campo da Cultura Visual na área da Educação no Brasil, no período de 2005-2015, conduzido pelo Grupo de Pesquisa em Ensino de Artes Visuais (GPEAV), vinculado ao Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). A coleta realizada efetivou-se a partir de dois descritores: cultura visual e visualidade. Esses descritores foram selecionados em virtude da Cultura Visual ainda ser um campo de estudo emergente, em construção, com muitas divergências entre seus estudiosos em relação à sua delimitação e ao seu próprio objeto de estudo. Por essa razão optou-se pelo termo que denomina o próprio campo como também pelo conceito que diferencia a Cultura Visual de outros campos de estudo, que é o conceito de visualidade, compreendido como modos de ver. Os resultados apontam que a problemática dos modos de ver, discutida pelo campo da Cultura Visual, tem se afirmado ao longo do período em estudo, com a expressão Educação da Cultura Visual indicando o processo de formação em uma cultura em que abundam os atos visuais. Apesar do interesse crescente pela Educação da Cultura Visual, das 123 comunicações identificadas nos Anais da ANPAP, somente três focalizam a EJA, com resultados similares nos Anais do CONFAEB, com 126 comunicações e quatro comunicações na mesma modalidade. A análise dos sete trabalhos publicados revelaram alguns pontos em comum entre eles, pois partem de problemas, questões, que surgem a partir das visualidades significativas do contexto no qual se realiza o projeto. Discutem estereótipos, não só de classe social ou gênero, mas, sobretudo noções estereotipadas sobre o próprio processo pedagógico. O ponto em comum desses sete trabalhos é a característica da flexibilidade, tanto de discentes como de docentes voltando-se para si mesmos na tentativa de compreenderem as visualidades em contexto, como também seus posicionamentos nesses contextos.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura Visual, Educação de Jovens e Adultos, Anais da ANPAP, Anais do CONFAEB, visualidades em contexto.

Introdução

A Cultura Visual é um campo de estudo que emerge entre as fronteiras das Artes e Ciências Humanas na década de 1980 no âmbito acadêmico britânico e estadunidense. Esse campo de estudo vem se configurando no Brasil a partir da década de 1990. Um primeiro levantamento bibliográfico em torno das publicações em que se utiliza o termo Cultura Visual em língua portuguesa, no Brasil, localizou a *Revista Cultura Visual*, editada semestralmente pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, da Universidade Federal da Bahia (UFBA), com o seu primeiro número publicado no ano de 1998, ano anterior ao reconhecimento pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior (CAPES) do Programa de Pós Graduação em Artes Visuais da UFBA (SOUZA;

HERNANDEZ, 2013). Essa publicação situa-se na área de Artes, de acordo com a classificação da Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal do Ensino Superior (CAPES). Na sequência cronológica, localizamos o artigo do professor de História da Arte, da Universidade de Rochester, Estados Unidos, Douglas Crimp, intitulado Estudos Culturais, Cultura Visual e publicado na *Revista da USP*, em dezembro de 1998 (CRIMP, 1998). Posterior a publicação desse artigo, identificamos o livro *Cultura Visual, mudança educativa e projeto de trabalho*, em 2000, de Hernandez (2000).

A Universidade Federal de Goiás (UFG), em 2003, organiza o primeiro Programa de Pós-graduação em Cultura Visual Mestrado no Brasil porém, em 2010, com a aprovação do doutorado, a denominação do Programa foi modificada para Arte e Cultura Visual - Mestrado e Doutorado (PPGACV). Esse programa publica semestralmente, desde 2003, a *Revista Visualidades*, que se propõe a explorar as diversas manifestações de sentido que articulem cultura e visualidades. Também edita a *Coleção Desenrêdos*, de periodicidade anual, com o intuito de fazer circular e consolidar a crescente produção acadêmica que este campo de conhecimento tem gerado.

A problematização sobre a experiência visual também vem ganhando espaço em dissertações de mestrado e teses de doutorado em programas de várias áreas. A intensificação de publicações sobre Cultura Visual nos programas de pós-graduação brasileiros tem gerado alguns questionamentos entre os pesquisadores do Grupo de Pesquisa em Ensino de Artes Visuais (GPEAV), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), tais como: De que modo vem sendo construído o campo de estudo da Cultura Visual no Brasil? Quais as contribuições e pertinência destas publicações para o Ensino da Arte e o campo da Educação no Brasil?

Apesar da acelerada produção acadêmica sobre Cultura Visual no País, ainda faltam estudos que realizem um balanço sobre o conhecimento produzido e apontem os enfoques mais pesquisados. Por essa razão, o GPEAV vem elaborando um estado do conhecimento sobre a Cultura Visual no Brasil entre os anos de 2005-2015. Essa investigação propõe-se a contribuir com a consolidação do campo de estudo, divulgando a sua produção acadêmica como também indicando suas bases de sustentação, as temáticas investigadas, o processo histórico dessa produção e a distribuição geográfica de seus polos de produção. Inserida na abordagem qualitativa, de natureza exploratória e bibliográfica, a pesquisa descreve as informações sobre os trabalhos acadêmicos produzidos no campo de investigação.

Spósito (2009) adverte que a confiabilidade de um levantamento que pretende caracterizar-se como estado do conhecimento depende tanto do recorte do universo a ser investigado quanto das fontes

disponíveis para consulta. Por essa razão, o GPEAV articula, neste momento, levantamentos da produção acadêmica brasileira em cinco fontes de consulta: Banco de Teses da CAPES; Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Ciência e Tecnologia (IBICT); Anais dos Encontros da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP); Anais dos Congressos da Federação de Arte/Educadores do Brasil (ConFAEB), e a *Coleção Educação da Cultura Visual*, organizada por Martins; Tourinho (2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2015) e editada pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

O recorte que se apresenta neste artigo refere-se à coleta, organização e classificação das comunicações publicadas nos Anais da ANPAP e do ConFAEB entre os anos de 2005-2015 que discutem a Cultura Visual no âmbito da Educação, especificamente na modalidade de Jovens e Adultos. Para tanto organizamos o artigo em três partes. A primeira expõe o processo de levantamento bibliográfico realizado nos Anais; a segunda apresenta a discussão dos dados coletados nos mesmos e, por fim, a terceira parte tece as considerações alcançadas com este estudo até o momento.

A paisagem da pesquisa

Do mesmo modo que os Estudos Culturais agregam variadas posições teóricas, a Cultura Visual, como um campo de estudo multirreferencial pode realizar suas investigações a partir de diferentes marcos teóricos, construídos a partir da Antropologia, Arte, Estudos Culturais, Estudos de Gênero, História, Psicanálise, entre outros. Santos (2006) indica que a cultura também inclui o estudo dos processos de simbolização, esse processo de substituição de uma coisa por aquilo que a significa. Tal processo possibilita que signos expressem um acontecimento, descrevam sentimentos, paisagens ou que a “distribuição de pessoas numa sala durante uma conversa formal possa expressar as relações de hierarquia entre eles” (SANTOS, 2006, p. 41). Isso quer dizer que os fenômenos e eventos visuais fazem parte desses processos de simbolização. Illeris; Arvdsen (2012) denominam de fenômenos visuais tudo aquilo com que nos relacionamos por meio da visão, como por exemplo, os memes que circulam pelas redes sociais, o arranjo dos espaços públicos e privados, as paisagens, as imagens dos livros didáticos, entre muitos outros. Os eventos visuais referem-se às interações que ocorrem entre quem vê e aquilo que é visto. Apesar das inúmeras pesquisas que vem se realizando sobre as relações entre os fenômenos e eventos visuais para o desenvolvimento humano, a área da Educação, em virtude de haver adotado um modelo de escola fundamentado na linguagem verbal, tem dado maior atenção ao estudo de certos artefatos visuais, sobretudo os denominados de obras de arte, que ocupam uma posição privilegiada nos currículos escolares. No campo da Cultura

Visual compreende-se a visão como o processo fisiológico em que a luz impressiona os olhos e a visualidade como o olhar socializado. Não há diferença entre o sistema ótico de uma brasileira, de uma africana ou uma indiana, mas sim no modo de descrever e representar o mundo de cada uma, pois elas “têm maneiras próprias de olhar para o mundo o que, conseqüentemente, dá lugar a diferentes sistemas de representação” (SARDELICH, 2006, p. 462).

Na linguagem cotidiana a palavra visualidade refere-se a tudo aquilo que é visível, porém no campo de estudo da Cultura Visual, visualidade é um conceito chave e refere-se ao modo de ver que é aprendido e socialmente construído por aquilo que aprendemos a ver e a não ver. Os modos de ver se constroem pela interações entre quem vê e aquilo que é visto, como também pelo que não se vê, isso quer dizer que aprendemos tanto pelas representações visuais quanto pela ausência dessas representações no contexto social em que se vive. Portanto, a Cultura Visual estuda os fenômenos e eventos visuais pois a própria "cultura é um motivo de conflito de interesses nas sociedades contemporâneas, um conflito pela sua definição, pelo seu controle, pelos benefícios que pode assegurar" (SANTOS, 2006, p. 36). Os fenômenos e eventos visuais fazem parte desse conflito de interesses e jogo do controle. Illeris; Arvdsen (2012) sinalizam que trabalhar com eventos visuais em contextos educacionais significa estar ciente de questões como: quem olha para o quê, quando, onde e por quê; quem tem o direito de olhar para quê e quem; como artefatos visuais retribuem o olhar dos observadores.

Como campo de estudo em construção, há muitas divergências entre seus estudiosos, tanto na delimitação do mesmo quanto no seu objeto de estudo. Conseqüentemente, utilizamos como descritores para a o levantamento bibliográfico a expressão Cultura Visual, que denomina o próprio campo de estudo, e visualidade, que consideramos o conceito diferencial em relação a outros campos de estudo. O levantamento bibliográfico realizado nos Anais da ANPAP e ConFAEB, no período de 2005 a 2015, considerou esses descritores presentes no título, resumo ou nas palavras-chave dos trabalhos apresentados. Nos Anais da ANPAP, entre os anos de 2005 a 2015, foram identificados 123 trabalhos a partir dos descritores indicados. Nos Anais do ConFAEB foram localizados 131 trabalhos no âmbito da Cultura Visual. Por estarmos vinculadas a um grupo de pesquisa em Ensino das Artes Visuais, nosso interesse volta-se para os espaços que a Cultura Visual vem ocupando na Educação Básica. Por essa razão iniciamos um processo de refinamento na seleção dos 254 trabalhos localizados para identificarmos aqueles que relatassem experiências de projetos de pesquisa ou de trabalho desenvolvidos na Educação Básica. Desse modo definimos novos descritores que consideramos como característicos da área educacional: educação, escola,

ensino, aprendizagem, aluno. Iniciamos uma depuração dos dados buscando identificar esses descritores da área educacional no título, resumo ou palavras-chave nos 254 trabalhos previamente selecionados. Por meio desse procedimento localizamos nesse cruzamento de descritores 187 trabalhos que discutem a Cultura Visual no âmbito educacional que referem-se a projetos de pesquisa ou intervenção na Educação Básica, no Ensino Superior, na Formação Continuada e em Espaços Não Formais de Aprendizagem. Dentre esses 187 trabalhos recortamos o estudo para aqueles que focalizassem especificamente a Educação Básica, com 52 comunicações. Nesse expressivo número realizamos um novo recorte para evidenciar os que situam a discussão na modalidade EJA, contemplada com sete trabalhos, sendo três deles nos Anais dos Encontros da ANPAP e quatro nos Anais do ConFAEB.

Quadro 1 – Trabalhos identificados no campo da Cultura Visual no âmbito educacional

ANAIS	TRABALHOS CV	TRABALHOS CV NO ÂMBITO EDUCACIONAL	TRABALHOS CV NA EDUCAÇÃO BÁSICA	TRABALHOS CV MODALIDADE EJA
ANPAP	123	61	12	3
ConFAEB	131	126	40	4
TOTAIS	254	187	52	7
%	100%	≈ 74%	≈ 21%	≈ 3%

Fonte: Anais da ANPAP e ConFAEB

A partir do Quadro de número um, que sintetiza os dados coletados, percebemos que a problematização sobre as experiências visuais na modalidade da Educação Básica vem ganhando atenção dos pesquisadores, porém o número de trabalhos na modalidade EJA, ainda é reduzido, aproximando-se de três por cento do total da produção identificada. Consideramos que essa modalidade necessita de maior atenção por parte dos pesquisadores da Cultura Visual, sobretudo pelo fato desses jovens e adultos terem sido excluídos da escola e o modo de olhar para esses educandos pode se relacionar com essa exclusão. A seguir apresentamos as características dos três trabalhos localizados nos Anais da ANPAP de autoria de Martins; Xavier; Gatti (2015) e Vilela (2013, 2015), bem como os quatro trabalhos dos Anais do ConFaeb, de autoria de Domiciano; Martins (2014), Martins; Gatti (2015), Ribeiro; Nunes; Pacholok (2014) e Vilela (2014).

A discussão das visualidades na EJA

A autoria dos sete trabalhos localizados foram produzidos por nove pesquisadores, em ordem alfabética: Ana Luiza Ruschel Nunes, da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), estado do Paraná; Cleber Cardoso Xavier, docente da rede pública de ensino do Distrito Federal ; Gabriela

Silva Domiciano, Mestre em Arte e Cultura Visual, pela Universidade Federal de Goiás (UFG); Marcelo Luiz Pacholok, graduando em Artes Visuais, pela UEPG; Margarida Helena Camurça Martins, coordenadora pedagógica da EJA a Distância, do Centro de Educação de Jovens e Adultos, da Secretaria de Estado de Educação, do Distrito Federal; Neuci Martins Ribeiro, docente da rede pública de ensino do estado do Paraná, no município de Ponta Grossa; Raimundo Martins, docente da Universidade Federal de Goiás (UFG); Teresinha de Castro Vilela, docente da rede pública municipal de Duque de Caxias, estado do Rio de Janeiro; Thérèse Hofmann Gatti, docente da Universidade de Brasília (UnB). Pela quantidade de publicações destaca-se a pesquisadora Teresinha de Castro Vilela, com três trabalhos, sendo dois trabalhos publicados nos Anais da ANPAP, em 2013 e 2015, e um trabalho publicado nos Anais do ConFAEB, em 2014. As pesquisadoras Margarida Helena Camurça Martins e Thérèse Hofmann Gatti também publicaram em ambos os eventos, no ano de 2015, sendo que o trabalho localizado nos Anais da ANPAP inclui a autoria de Cleber Cardoso Xavier. Das demais pesquisadoras foi localizado um único trabalho em um ou outro evento. Dado o quantitativo de trabalhos apresentados por autoria, iniciaremos a apresentação em ordem decrescente.

Como docente da rede pública municipal de Duque de Caxias (RJ), Vilela (2013) relata seu momento de aproximação à uma turma da modalidade EJA, no turno vespertino. Essa escola municipal situa-se na denominada Baixada Fluminense, região estigmatizada devido aos seus vários conflitos sociais, entre eles o “clientelismo”, praticado pelos políticos locais. Nessa aproximação à turma da EJA a autora pergunta-se sobre como colaborar para desconstruir esse modo de olhar preconceituoso para a região, seus moradores e instituições. Para tanto, Vilela (2013) preparou um questionário a fim de traçar o perfil da turma e diagnosticar a bagagem cultural e referências visuais, musicais dos mesmos. Dentre os 23 estudantes da turma, os estilos musicais mais citados foram pagode e funk. Nessa aproximação da docente ao funk, Vilela (2013) pesquisou sobre o *rapper* Emicida, dado que o mesmo foi citado no diagnóstico da turma. Buscando dados sobre o *rapper*, a docente chegou à uma imagem na qual o músico está representado como um dos apóstolos da Última Ceia, aludindo à famosa produção de Leonardo Da Vinci (1452 – 1519). A partir da imagem do *rapper* Emicida, Vilela (2013) trabalhou o conceito de intervisualidade, que advém do conceito de intertextualidade, fazendo referência à interligação de imagens que se tangenciam e dialogam entre si. Desse modo, a imagem de Leonardo Da Vinci, apesar de ser produzida a finais do século XV, abre-se para a des/re/construção de si mesma ligando-se a discursos alternativos e plurais. A experiência da docente nessa escola continua sendo relatada em

Vilela (2014), quando a mesma parte de uma imagem do patrono da escola situada em sua entrada principal. Nessa imagem o patrono da escola está representado vestindo o uniforme da Força Expedicionária Brasileira, durante a Segunda Guerra Mundial, na Itália, onde morreu atingido por uma granada. Essa imagem inspirou a pesquisadora a olhar para os “uniformes” dos estudantes da EJA e identificou muitos adeptos de uma determinada marca estadunidense, que utiliza as cores vermelho, azul e branco, com a grafia “Tommy”. A partir da visualidade oferecida pelos estudantes da EJA, Vilela (2014) questiona como discutir a homogeneização cultural no uso desses artefatos, ampliando para um estudo das cores e a diferenciação cultural por meio das cores. Na continuidade dos relatos sobre a sua experiência com essa turma de EJA, Vilela (2015) também trabalhou a partir de um *graffiti* que ocupa um dos muros da escola: “Deixe que cada um exercite a arte que conhece!”, atribuída a Aristóteles (384 a.C.- 322 a.C.). Assim sendo, a docente relata a aproximação ao evento *Meeting of Favelas* (MOF), de *graffiti* voluntário que ocorre na Baixada fluminense. A docente trabalhou a partir das visualidades que tangenciam o *graffiti*, como o uso do skate e do boné, itens que a escola proíbe e gera atritos entre a instituição e os estudantes da EJA. Vilela (2015) observa que o uso do boné pelos estudantes é um aliado diferenciador da homogeneização imposta pelo uso dos uniformes. Desse modo, docente e discentes participaram do evento MOF e produziram um mini documentário, enfatizando as visualidades de corpos, cores e sons que permearam o evento. A experiência de Vilela (2013, 2014, 2015) enfatiza o trabalho a partir das visualidades do contexto dos estudantes.

O relato de Martins; Xavier; Gatti (2015) destacam a experiência realizada na Vila Telebrasília, no Distrito Federal (DF). A Vila Telebrasília originou-se de um acampamento para alojar os trabalhadores que construíram Brasília na década de 1950. Apesar de alojar trabalhadores durante e depois da construção do Plano Piloto da cidade, essa vila não foi reconhecida como bairro, nem recebeu infraestrutura urbana. Na década de 1990 foram várias tentativas de realocar os moradores em outras áreas que negaram-se a abandoná-la, reunindo-se em torno da Praça da Resistência, local escolhido para suas concentrações sempre que as forças armadas chegavam para sua expulsão. Apesar de atualmente fazer parte do Plano Piloto e da administração do Distrito Federal, trata-se de uma área de alta vulnerabilidade social, pois o poder público ignora as necessidades de Educação, Saúde e Habitação da população da vila. Durante três meses, uma equipe formada por professores e estudantes de Licenciatura em Pedagogia da Associação de Ensino Unificado do Distrito Federal, participou regularmente de momentos com a comunidade, visando à alfabetização de jovens, adultos e idosos da comunidade. Ao longo do projeto dois professores se revezavam nas tarefas de

acolhida e conversas com os participantes. Nessa conversa procurou-se identificar as palavras geradoras, a partir da inspiração de Paulo Freire (1921 –1997) como também as visualidades das palavras geradoras. Segundo os autores, nesse processo de desenho, os jovens e adultos construíram alguns conceitos sobre ver os desenhos, as imagens em articulação com a escrita das palavras. Procuraram, por meio da conversa com os participantes dar visibilidade à estratégia dos mesmos sobre suas leituras de mundo. Martins; Gatti (2015) relatam uma pesquisa em andamento com a intenção de identificar as visualidades do contexto dos estudantes da EJA em duas regiões administrativas do Distrito Federal, Planaltina e Ceilândia. A partir de questionamentos como: Quais as imagens da cidade? Como a cultura visual modela formas de ver e narrar o mundo? Como estudantes da EJA olham, se olham e como eles produzem o mundo? As autoras partem da hipótese de que as visualidades que permeiam o cotidiano dos estudantes de EJA de Planaltina sofrem forte influência da vocação rural e religiosa, diferenciando-se das visualidades de Ceilândia que estariam mais relacionadas a influência da cultura nordestina predominante na cidade.

A investigação de Domiciano; Martins (2014) contou com a colaboração dos estudantes do Curso Técnico em Serviço de Alimentação, do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade EJA (PROEJA), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG), focalizando a interação dos alunos com visualidades ligadas à alimentação. As pesquisadoras buscaram compreender a relação entre os sujeitos e as imagens, destacando a maneira como as visualidades contribuem para a emergência e reinvenção de memórias, como futuros profissionais da área de alimentação enxergam seu próprio objeto de trabalho e as relações que estabelecem com o mesmo. As autoras afirmam que paladar e visão estão conectados tal como indica a expressão popular “comer com os olhos”, pois somos nutridos por comidas e imagens que nos formam fisiológica e culturalmente. Observam que o processo da visão é relevante para a formação do conhecimento, pois estamos constituindo e sendo constituídos por ele.

Domiciano; Martins (2014) realizaram entrevistas individuais que se estruturaram a partir de imagens relacionadas a experiência pessoal e alimentação dos entrevistados. As imagens foram escolhidas pelos colaboradores, em resposta a solicitação das investigadoras para que escolhessem imagens que representassem o modo como se relacionam com a alimentação. Em um segundo momento organizaram um grupo focal com os colaboradores, para a produção de dados com a interação verificada em grupo. As pesquisadoras concluem que hábitos e costumes não são apenas individuais, mas, criados coletivamente, destacando que a comensalidade, o 'comer juntos', é o momento de reforçar a coesão do grupo ao se partilhar a comida também se partilham sensações.

Ribeiro, Nunes e Pacholok (2014) investigaram o Centro Estadual de Educação Básica de Jovens e Adultos (CEEBJA), vinculado a UEPG, no município de Ponta Grossa, Paraná, a fim de verificar se as práticas escolares que acontecem no componente curricular Ensino da Arte dessa instituição estão em concordância com a proposta dos seguintes documentos: Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs); Diretrizes Curriculares da Educação Básica, constituídas pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná, organizada em torno de conteúdos estruturantes; o Projeto Político Pedagógico (PPP) do CEEBJA/UEPG. Os autores apresentam trechos dos documentos citados, porém não descrevem as práticas que ocorrem na instituição escolar. Enfatizam que a organização do currículo de Arte, do Estado do Paraná, se faz a partir dos conteúdos estruturantes da disciplina, a saber: elementos formais, composição e movimentos e períodos. Destacam que apesar desses conteúdos estruturantes apresentarem especificidades e interdependências e de mútua determinação, devem ser simultâneos nas aulas. Indicam que a organização das aulas pode partir dos elementos formais, pois estes “constituem uma composição que se materializa como obra de acordo com diferentes movimentos e períodos, onde o tempo e o espaço articulam-se entre si” (RIBEIRO; NUNES; PACHOLOK, 2014, p. 7). Recordam que a “visão de mundo, característica dos movimentos e períodos, também determina o modo de composição e de seleção dos elementos que serão privilegiados” (RIBEIRO; NUNES; PACHOLOK, 2014, p. 7). Observam que as Diretrizes Curriculares do estado do Paraná priorizam a História da Arte, no ensino Médio, a ser trabalhada por meio de “leitura de imagem de obras de arte dos movimentos e períodos artísticos. Ao trabalhar a História da Arte dessa forma permite-se ao aluno a compreensão da arte como forma de conhecimento, ideologia e trabalho criador” (RIBEIRO; NUNES; PACHOLOK, 2014, p. 7). Em relação à visualidade, afirmam que esta se manifesta como “essência em um plano educacional, que procura assim estruturar uma construção de saberes e conhecimentos em Artes Visuais, guiando os conhecimentos que foram obtidos por experiências” (RIBEIRO; NUNES; PACHOLOK, 2014, p. 5). Ratificam que “a leitura de imagem de uma pintura e do mundo alimenta tanto a mente quanto a inteligência do aluno, que por consequência terá seu repertório imagético ampliado, permitindo que ele venha a conceber novas imagens” (RIBEIRO; NUNES; PACHOLOK, 2014, p. 5). Apesar de não descreverem as ações que ocorrem na escola, as autoras concluem que estas estão fundamentadas nas Diretrizes Curriculares do estado do Paraná, na Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa com ênfase no fazer artístico.

Considerações alcançadas

A partir do exposto, podemos concluir que a produção acadêmica em Cultura Visual vem crescendo anualmente e a discussão na área de Educação atrai grande parte dos pesquisadores do campo. Apesar da atração que pesquisadores do campo da Cultura Visual possuem pelo âmbito educativo, ainda é pequeno o número daqueles que olham para a modalidade EJA, pois no período de 2005-2015 apenas sete trabalhos, dentre cento e oitenta e sete, focalizaram essa modalidade nos Encontros Anuais da ANPAP e no ConFAEB. Os projetos descritos por Vilela (2013, 2014, 2015), Martins; Xavier; Gatti (2015), Martins; Gatti (2015) e Domiciano; Martins (2014) apresentam alguns pontos em comum, pois buscaram refletir sobre o lugar que as visualidades ocupam no cotidiano, no contexto do participante como essas visualidades compõem o microcosmos de cada participante. Também trataram de verificar como esses participantes se posicionam em relação à essas visualidades. Essas investigações revelam uma atitude intelectual que busca nas visualidades do contexto, no qual estão inseridos os participantes desses projetos, aquelas que possam deflagrar a reflexibilidade de todos os participantes, independente de seus papéis pesquisadores e/ou educadores e educandos, voltando-se para si mesmos na tentativa de compreenderem seus contextos, como também seus posicionamentos nesses contextos. Essa atitude intelectual explicita o poder visualidades, compreendendo que toda e qualquer visualidade inclusive as eleitas para a mediação nos espaços não formais, também são produzidas a partir de uma visão que, conseqüentemente, coloca todos os participantes em uma determinada posição.

Por outro lado, consideramos que o projeto de Ribeiro, Nunes e Pacholok (2014) trata a visualidade a partir de uma compreensão genérica como aquilo que se vê, enfatizando os artefatos visuais denominados de obras de arte, que tradicionalmente ocupam uma posição privilegiada nos currículos escolares. Trata-se de uma investigação que ressalta práticas escolares prescritivas a partir de conteúdos previamente definidos, pois partem do pressuposto que são os conteúdos que estruturam o conhecimento do sujeito sobre as visualidades denominadas artísticas. Salientam uma tendência formalista da leitura de imagens fundamentada na sintaxe visual, organizada em torno dos conteúdos estruturantes como como ponto, linha, forma, cor, luz, no sentido da composição. Essa proposta determina previamente o quê, quando, onde e por quê os artefatos visuais devem ser olhados, sem preocupa-se com o contexto e o direito de quem olha.

Como educadoras pesquisadoras que nos inserimos em espaços formais de aprendizagem nos posicionamos em torno de narrativas que colaborem a resistir a processos hegemônicos, atentas às visualidades sintonizadas com o processo de inclusão social, dando visibilidade às mais diversas

formas de opressão e subjetivação, que valorizam a experiência do sujeito que vê, contribuindo para a construção de subjetividades capazes de transitar entre diferentes realidades culturais.

REFERÊNCIAS

CRIMP, Douglas. Estudos culturais, cultura visual. *Revista USP*, São Paulo, n.40, p. 78-85, dez./fev. 1998.

DOMICIANO, Gabriela Silva; MARTINS, Raimundo. Comer com os olhos: um diálogo possível entre visão e paladar. . In: XXIV CONGRESSO INTERNACIONAL DA FEDERAÇÃO DE ARTE/EDUCADORES, 2015, Ponta Grossa (PR). Anais... Ponta Grassa, Paraná: UEPG, 2014. p. 1-14. Disponível em: <http://www.isapg.com.br/2015/html/areas/Artes%20Visuais/11/19.pdf> Acesso em: 6 set. 2017.

HERNANDEZ, Fernando. *Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

ILLERIS, Helene; ARVEDSEN, Karsten. Fenômenos e eventos visuais: algumas reflexões sobre currículo e pedagogia da cultura visual. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. *Culturas das Imagens*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2012.

MARTINS, Margarida Helena Camurça; GATTI, Thérèse Hofmann. A ARTE COMO CONSTRUÇÃO E REPRESENTAÇÃO SOCIAL DOS ALUNOS DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS. In: XXV CONGRESSO INTERNACIONAL DA FEDERAÇÃO DE ARTE/EDUCADORES, 2015, Fortaleza (CE). Anais... Fortaleza: IFCE, 2015. p. 1044- 1055. Disponível em: <http://confaeb2015.ifce.edu.br/ANAIS/artigos/GT%20Artes%20Visuais/150196.pdf> Acesso em: 6 set. 2017.

MARTINS, Margarida Helena Camurça; XAVIER, Cleber Cardoso; GATTI, Thérèse Hofmann. Visualidades cotidianas como estratégia educacional. In: 24 ENCONTRO DA ANPAP, 2015, Santa Maria, RS. Anais... Santa Maria: ANPAP; UFSM, PPGART; UFRGS, PPGAV, 2015. p.898-906. Disponível em: http://anpap.org.br/anais/2015/comites/ceav/margarida_martins_cleber_xavier.pdf Acesso em: 6 set. 2017.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. *Educação na cultura visual: narrativas de ensino e pesquisa*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2009.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. *Cultura Visual e Infância*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2010.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. *Educação da Cultura Visual: conceitos e contextos*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2011.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. *Culturas das Imagens*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2012.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. *Processos e Práticas na Pesquisa em Cultura Visual & Educação*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. *Pedagogias Culturais*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2014.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. *Educação da Cultura Visual: aprender... pesquisar...ensinar*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2015.

RIBEIRO, Neuci Martins; NUNES, Ana Luiza Ruschel; PACHOLOK, Marcelo Luiz. Aprendizagem da Arte e Visualidade na Educação e Jovens e Adultos. In: XXIV CONGRESSO INTERNACIONAL DA FEDERAÇÃO DE ARTE/EDUCADORES, 2015, Ponta Grossa (PR). Anais... Ponta Grassa, Paraná: UEPG, 2014. p. 1-13. Disponível em: <http://www.isapg.com.br/2015/html/areas/Artes%20Visuais/4/13.pdf> Acesso em: 6 set. 2017.

SANTOS, José Luiz dos. *O que é Cultura*. 16 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006.

SARDELICH, Maria Emilia. Leitura de imagens, cultura visual e prática educativa. *Cadernos de Pesquisa*, v. 36, n. 128, p. 451-472, mai./ago. 2006.

SOUZA, Paulo Fernando de Almeida; HERNANDEZ, Maria Hermínia Olivera. Caminhos para a qualificação de periódicos científicos em Artes Visuais e Design: o exemplo da revista *Cultura Visual*. *Cultura Visual*, Salvador, n. 19, p. 117- 129, jun. 2013.

SPOSITO, Marília Pontes (coord.). *O estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006)*. Belo Horizonte, MG : Argvmentvm, 2009. p. 7-9.

VILELA, Teresinha de Castro. Visualidades iniciais da em Experdicionários Aquino de Aratújo, Duque de Caxias (RJ). In: 22 ENCONTRO DA ANPAP, 2013, Belém, PA. Anais... Belém: ANPAP; PPGARTES/ICA/UFPA, 2013.p. 3378- 3388. Disponível em: <http://anpap.org.br/anais/2013/ANAIS/simposios/07/Teresinha%20Maria%20de%20Castro%20Vilela.pdf> Acesso em: 6 set. 2017.

VILELA, Teresinha de Castro. Pensar “trans” em Artes, Educação. In: XXIV CONGRESSO INTERNACIONAL DA FEDERAÇÃO DE ARTE/EDUCADORES, 2015, Ponta Grossa (PR). Anais... Ponta Grassa, Paraná: UEPG, 2014. p. 1-12. Disponível em: <http://www.isapg.com.br/2015/html/areas/Artes%20Visuais/2/13.pdf>

VILELA, Teresinha de Castro. Grafite: “deixe que cada um exercite a arte que conhece!” In: 24 ENCONTRO DA ANPAP, 2015, Santa Maria, RS. Anais... Santa Maria: ANPAP; UFSM, PPGART; UFRGS, PPGAV, 2015. p.4143-4152. Disponível em: http://anpap.org.br/anais/2015/simposios/s12/teresinha_maria_de_castro_vilela.pdf